

## INÉRCIA

---

Luiz R. R. Faria – Nuno

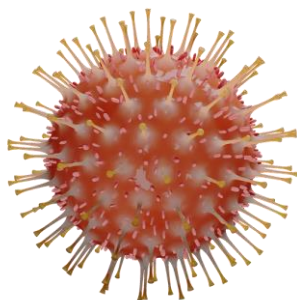


Luiz R. R. Faria é docente do curso de Ciências Biológicas – Ecologia e Biodiversidade na Universidade Federal da Integração Latino-Americana.

*Sou o Nuno, pai de dois filhos, mineiro nascido em terras paulistas. Professor da UNILA desde 2013, na área de Ecologia. Sigo na tentativa, cada vez mais árdua, de manter a esperança em dias melhores.*

Luiz R. R. Faria

Contato: [luiz.faria@unila.edu.br](mailto:luiz.faria@unila.edu.br)



## INÉRCIA

---

Os joelhos flexionados, a tensão nos ombros, os braços rígidos sugerindo que algo muito pesado exigiria uma força enorme. Mas não era o caso. Uma bebezinha, a primeira e única filha, meio chorosa, um pacotinho que parecia algodão doce de quermesse, era carregada em sua direção. Recebeu-a, oferecendo toda a proteção que aquelas mãos enormes pudessem garantir. Sentiu-se inundado por algo diferente, uma sensação de que aquele sentimento, e nada o que havia experimentado antes, era amor de verdade. Quando os olhos se cruzaram pela primeira vez, a certeza de que a vida nunca mais, e ainda bem, seria a mesma.

“Estou fazendo certo? Estou apoiando a cabeça dela direito?”, perguntou, com uma ponta de desespero, para quem tivesse a misericórdia de responder.

Não era um pai de falar muito. Viviam, pai e filha, um amor tão forte quanto mudo.

O maior prazer da vida era quando saía do banheiro pela manhã, ainda com um gosto mentolado na boca, abotoando o uniforme de todo dia, e a encontrava no sofá, meio deitada, meio sentada, tomando a mamadeira com os olhos semicerrados, os dedos desenhando pequenos redemoinhos pelos cabelos. O silêncio só era quebrado pelo ar entrando na mamadeira de tempos em tempos, e pelo ruído baixinho que vinha da televisão (um tipo de gato cor-de-rosa, de punho, colarinho e gravata, falava qualquer coisa enquanto fugia de alguém aparentemente nervoso).

“Bom dia, papai”.

“Bom dia, minha filha”.

Daí ao reencontro de cada fim de dia, ele moído pelo trabalho, ela moída pela espera.

“Oi, papai. Quero tomar banho”.

“Sim, minha filha, vamos lá. Só vou tomar um gole de café”. Seguiam os dois para a cozinha, a menina fiscalizando se a promessa seria cumprida, se algum desvio exigiria a atenção do pai. Se ele vacilasse, lá estaria ela, lembrando-o da

urgência do caso. De qualquer forma não havia motivo para demorar-se naquele café requentado, o gosto oxidado por um dia inteiro.

Seguiam de mãos dadas, ela arrastando o chinelinho, ele cuidando para sincronizar os passos, temendo que botina encontrasse os pés miúdos que seguiam ali tão perto. Era o mesmo banho de todo dia: a menina, a velha bacia amarela, três brinquedos de borracha, um carneiro, um patinho e um peixe, bastante xampu de camomila. O sorriso se abria quando os riozinhos de espuma desciam pela testa. “Ai meu olho, pai! Toalha, toalha”, o pedido desesperado acontecia às vezes, quando algum riozinho, tomando o caminho errado, encontrava um dos olhos pelo caminho.



O banho era sempre demorado, tempo suficiente para que ele, sentado na privada, fechasse uma ou duas palavras cruzadas.

“Filha, melhor você sair porque a água já deve estar fria”.

À mesa, outro dos encontros diários:

“Papai, corta meu bife bem pequenininho? Tenho medo de engasgar”.

“Claro que sim, minha filha”.

Lembrava-se também da filha no carpete, sentada de pernas cruzadas, empilhando blocos de madeira. A torre já alta, pendendo dramaticamente para um dos lados, ela vacilante, avaliando se a torre permaneceria de pé com o próximo

bloco que chegava entre os dedos em pinça. O pai fechava o livro, marcando a página com o indicador, torcendo em silêncio pela estabilidade da construção, pelo novo recorde de peças empilhadas.



“Ixi, pai, caiu de novo”.

“Na próxima você consegue, minha filha”.

Na televisão um grito de gol desperta o interesse da menina.

“Foi gol do nosso time, pai? O nosso time é de que cor mesmo?”

“O nosso é o preto e branco, filha. Mas foi gol do outro time”.

“Que coisa mais triste, pai”.

“Tá tudo bem, minha filha”, ele dizia, já se levantando, buscando acariciar os cabelos encaracolados da menina.

O casamento não ia bem. O casal tinha uma certa esperança velada que a criança pudesse ser o remendo para algo havia muito perdido. As coisas, entretanto, seguiam da mesma forma, naquela marcha modorrenta em direção à gota d’água. Um dia tudo veio abaixo. A casa cheirando a chá preto, uma discussão mais forte por um motivo que nem importava, a menina de olhos arregalados segurando um vagãozinho de Ferrorama.

- “Filha, o papai tem que ir embora”.
- “Mas você volta”?
- “Tá tudo bem, minha filha”.



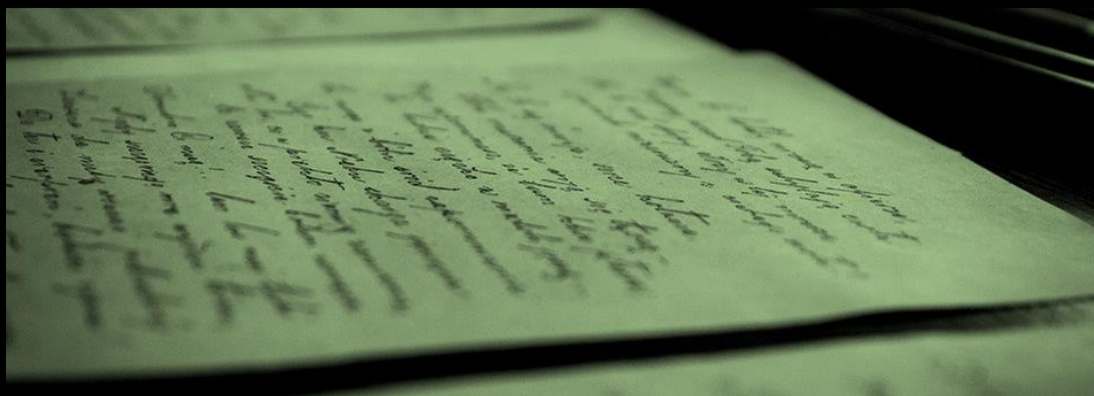
A partir de então, o contato mais restrito a mensagens, ligações no natal e aniversários, os porta-retratos que se acumulavam no aparador de casa. Ele se ressentia da inabilidade com as palavras, da dificuldade que a distância e as ligações chiadas traziam à comunicação por monossílabos, e sem que pudesse se valer do arsenal de sorrisos que substituíam respostas as mais variadas.

Um dia, uma carta. De um endereço novo que ainda não conhecia. A filha havia comentado por cima, na ligação de natal, sobre a possibilidade de se mudar para uma outra cidade. “Uma boa oferta de trabalho, pai, torça por mim”.

A carta trazia uma mensagem simples: “Pai, sei como você é. E você sabe como eu sou. Tenho certeza que você se martiriza por não nos falarmos sempre, vivermos longe. Acho que até o amor entre pais e filhos pode ser meio platônico, algo assim. Somos muito parecidos. Tão parecidos que ficamos nesse jogo de empurra. Eu espero suas mensagens, você espera minhas ligações. Fique tranquilo. Eu sei que você me ama. Eu amo você também”.



Levava o papel verde claro com a letra bonita da filha, dobrado com capricho, sempre na carteira. Estava sempre pronto para uma nova leitura, ansiando por um novo sentido que poderia se revelar em alguma palavra. Sentia uma certa vergonha de se sentir libertado, ouvir tudo aquilo da filha que, independente da suavidade com que a história fosse contada, havia abandonado.



Havia uma certa ansiedade pelo reencontro, era inegável, mas seguiam naquele ritmo tranquilo de quem se apoia na ideia de que as coisas simplesmente se arranjam. O dia chegaria em breve, estavam certos.

E o motivo definitivo apareceu de repente, havia poucos dias, “Pai, estou grávida!!!”, leu, lágrimas pingando na tela do celular, enquanto procurava um lugar para se sentar.

Tossiu. Pensou em abrir os olhos. Sentiu falta das lentes grossas que o acompanhavam desde sempre. Imaginou os óculos largados em um escaninho, dentro de um envelope de papel pardo dobrado, uma fita crepe com seu nome escrito com uma letra apressada. O pouco que viu remetia a gavotas que iam e vinham, apressadas, daqui para ali, em meio a um cheiro rançoso de carne cozida, iodo e desinfetante.

Monitores com bipes sincopados davam o ritmo para tantas batalhas que eram travadas contra a morte. Afogados em muco e em sonhos destroçados, mulheres e homens tentavam se agarrar à esperança cada vez mais incerta. No seu caso, uma sensação fria e gelatinosa que subia aos poucos, mas irremediavelmente, pelas pernas. Sabia do que se tratava. Qualquer ser humano saberia.

Fechou os olhos novamente, imaginando o reencontro. A filha e a neta que viriam passar uns dias na sua casa. Pintaria as grades do portão, compraria uma toalha nova, mandaria lavar os tapetes a seco. Elas chegariam de manhã, encontrariam a mesa posta. Café fresco, pão francês, requeijão de cortar, a fruta favorita do pai e da filha. A mesma fruta que descascavam juntos, em um passado que derretia, sentados os dois na soleira da porta. Conversavam à mesa, as faces coloridas pela esperança de tanta coisa boa que a vida reservava. “Mais requeijão, minha filha? É exatamente aquele que você mais gosta”. Ela aceitava, sorrindo, enquanto uma casquinha de pão escapava pelos cantos do sorriso. Abraçavam-se, felizes pela nova chance, toda a vida que teriam, enfim, próximos. Quando dessem falta da menininha, ela já teria corrido para o sofá onde, deitada, com a mamadeira nas mãos, assistia a qualquer desenho animado, fazendo pequenos círculos nos cabelos.

Mas o futuro havia chegado.

“Vai ficar tudo bem, minha filha”.

